

Idosos que cuidam de idosos

Segundo pesquisa, idosos doentes contam, em muitos casos, apenas com a ajuda dos companheiros para viver

SÃO PAULO

Quase 40% das pessoas que cuidam de idosos doentes em São Paulo são também idosas, revelam dados inéditos de um projeto da USP que monitora como os idosos estão envelhecendo na capital.

O fenômeno tem crescido no país e é atribuído ao processo de envelhecimento populacional, às famílias com menos filhos e à maior presença da mulher no mercado de trabalho, o que diminui a oferta do cuidado em casa.

Em amostra de 362 cuidadores de idosos estudados pela USP, 38% têm mais de 60 anos. A maioria (75%) é mulher ou filha (o) do idoso. “A gente chega na sala de geriatria e não sabe quem é o paciente e quem é o cuidador. Ambos são idosos”, diz Naira Dutra Lemos, assistente social da disciplina de geriatria da Unifesp.

A preocupação dos especialistas é que muitos cuidadores idosos também precisam de atenção à saúde, mas estão desassistidos pelas famílias e pelo poder público.

Em Portugal, por exemplo, o governo garante ao cuidador três meses intercalados de férias por ano. No período, o idoso doente fica sob cuidados de uma instituição paga com recursos públicos.

“No Brasil, o que a gente vê muitas vezes é o cuidador morrer antes do idoso cuidado”, afirma a enfermeira Ieda Duarte, professora da USP e uma das coordenadoras do projeto Sabe (Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento). Segundo a literatura médica, cuidadores familiares idosos têm o dobro de risco de contrair doenças físicas e psicológicas em relação à população idosa em geral.

Além do prejuízo à saúde, Ieda alerta que a assistência ao idoso doente também pode ficar negligenciada. Segundo ela, nessas circunstâncias, só 30% das necessidades de cuidado são atendidas. “Ele faz o que pode.”

A geriatra Lyina Kawazoe, da Unifesp, tem a mesma preocupação: “Se ele não consegue cuidar de si próprio, como vai poder cuidar do outro?”

Em São Paulo, vivem 1,4 milhão de idosos acima de 60 anos (12% da população). A maioria tem duas doenças ou mais (80%). Entre 80 e 90 anos, 20% deles apresentam demências - a partir dos 90, a taxa sobe para 40%.

São essas as situações mais estressantes para o cuidador. Entre os que cuidam de idoso dementes, a taxa relatada de sobrecarga relacionada ao trabalho é de 40%, o dobro da descrita por cuidadores de idosos sem demência.



DE ACORDO com especialistas, cuidadores idosos têm o dobro de risco de contrair doenças físicas e psicológicas

“Não penso na morte, me preocupo com a vida mesmo”

Aos 92 anos, Antonio Joaquim dos Santos cuida da mulher, Maria de Lourdes, 86. Maria sofre há 12 anos de Alzheimer e, um mês atrás, sofreu um AVC.

Com ajuda da filha, que mora em outra casa, Santos dá banho, ajuda a trocá-la e faz comida para a mulher, com quem é casado há 62 anos. A cada dois meses, ele passa pelo ambulatório de geriatria da Unifesp, onde é avaliado pela médica, psicóloga e assistente social.

Na última sexta-feira, ele saiu cedinho de casa, na Vila Arapua, em São Paulo, e pegou dois ônibus até a Vila Mariana, onde fica o ambulatório. Em uma pequena mochila preta infantil, carregava os remédios e as receitas para mostrar à médica Carla Bezerra.

Ela fez uma série de perguntas sobre a saúde física (“está se alimentando, está tomando todas as medicações?”) e mental (“está se sentindo triste? pensa na morte?”).

Com dois aparelhos auditivos, Santos ouve atentamente e respondeu as perguntas sem rodeios. “Não penso na morte, me preocupo com a vida mesmo. Com a saúde da minha mulher e com meu filho alcoólatra.”

Cuidadores também ficam doentes

A Unifesp criou um ambulatório específico para tratar os cuidadores dos idosos acompanhados no serviço de geriatria. Conta com quatro médicos, duas assistentes sociais e duas psicóloga e atende com hora marcada.

“Os cuidadores idosos apresentam uma carga de estresse muito

grande e doenças osteoarticulares por conta do peso e do desgaste da função”, afirma Naira Dutra.

A maioria dos 176 cuidadores que já passaram por lá é mulher (85%) e tem 71 anos em média. Segundo o projeto da USP, 52% dos cuidadores de idosos com problemas cognitivos desempenham sozinho a

função há mais de cinco anos.

“Eles vão deixando de ser o que são, descuidam da própria saúde e se tornam o único responsável pela vida do outro”, diz Naira.

Também se tornam mais vulneráveis a sintomas como depressão, fadiga, frustração, redução de convívio social e diminuição da au-

toestima, segundo a psicóloga brasileira Lisneti Maria de Castro.

A sobrecarga física e emocional também gera sentimentos de raiva, ressentimento e amargura. “O cuidador pode se transformar numa pessoa intolerante, facilmente irritável, amarga e se distanciar da pessoa de quem cuida.”

JOANA, de 72 anos, que cuida do marido **Antonio**, 82, que tem Alzheimer



KARIME XAVIER/ FOLHAPRESS

Com Alzheimer, ele depende da mulher para fazer tudo

Aos 65 anos, o serralheiro Antonio Bocalini começou a manifestar os primeiros sinais da doença de Alzheimer.

“Eles esquecia as coisas. Fazíamos as compras e logo depois ele chegava com mais sacos das mesmas coisas que tínhamos comprado. Um dia, ele saiu e não se lembrou mais como voltar para casa”, lembra a mulher, Joana, 73. Hoje, aos 81 anos, ele é totalmente dependente da mulher. Com a ajuda da filha, Vera, 53, ela lhe dá banho, troca suas fraldas e o alimenta.

Não que Joana esteja em ótima forma. Ela tem osteoporose e no ano passado quebrou, de uma só vez, os dois fêmures.

É hipertensa e, após a doença do marido, desenvolveu depressão. Ela ainda faz todos os serviços do-

mésticos da casa.

A idosa frequenta o ambulatório de geriatria da Unifesp, onde recebe atendimento médico e psicológico. A rotina de Joana começa às 6h da manhã e segue até altas horas da noite. Bocalini passa a maior parte do tempo deitado no sofá ou na cadeira de rodas observando a mulher na cozinha.

“Jô, quem está chamando no portão?”, “Jô, quero café”, “Jô, estou apertado, quero ir ao banheiro”. Os pedidos dirigidos à mulher não cessam. E ela vai atendendo um a um. “Cuido dele com amor. Deus vai me dando força”, diz.

Mesmo confundindo muitas vezes a mulher com a filha, Bocalini retribui o carinho como pode. No último aniversário, deu a Joana o primeiro pedaço do bolo.